

A LIBERTAÇÃO COMO PROBLEMA FILOSÓFICO NA MÚSICA SÓCIO-RELIGIOSA LATINO-AMERICANA

La sortie en tant que probleme philosophique dans la musique socio-religieuse d'amerique latine

Claudivan Lopes de Souza¹

RESUMO: O presente Artigo pretende unir filosofia, teologia, história e arte, mais especificamente música, no estudo das teorias marxistas, identificando na música sócio religiosa latino-americana, especialmente a brasileira, elementos teóricos do Marxismo, através da sua vertente teológica: a Teologia da Libertação. Para isso, serão analisadas a seguintes músicas: Pai Nosso dos Mártires, uma composição do Padre Cireneu Kuhn; Pelos Caminhos da América, composta por Zé Vicente; e Jubileu da Terra, composta por Roberto Malvezzi. Estas músicas serão analisadas tomando alguns aspectos teóricos da filosofia marxista.

Palavras-chave: Marxismo. Teologia da Libertação. Música.

RÉSUMÉ: Cet article entend unir la philosophie, la théologie, l'histoire et l'art, plus spécifiquement la musique, à l'étude des théories marxistes, en identifiant la musique socio-religieuse latino-américaine, notamment la musique brésilienne, les éléments théoriques du marxisme. Théologie de la libération. Pour cela, les chansons suivantes seront analysées: Notre Père des Martyrs, une composition du Père Cyreneu Kuhn; Pour les chemins de l'Amérique, composé par Zé Vicente; et Jubilé de la Terre, composé par Roberto Malvezzi. Ces chansons seront analysées en prenant quelques aspects théoriques de la philosophie marxiste.

Mots-clés: Marxisme. Théologie de la libération. Musique.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

O Marxismo é uma escola filosófica, que engloba ideias econômicas, políticas e sociais, elaboradas e desenvolvidas por Karl Marx (1818-1883) e por seu grande amigo e colaborador, Friedrich Engels (1820-1895), no século XIX, mais especificamente em 1848. O Marxismo é concomitantemente influente e controverso. Existem seus defensores e apoiadores, e também seus críticos e adversários em todos os campos da filosofia, da Ciência, sobretudo, Filosofia e Ciência Política.

Nas sociedades contemporâneas, as ideias de Marx e Engels inspiraram as formações de movimentos sociais, organizações não governamentais e partidos políticos em diversos países do mundo, inclusive no Brasil. As teorias marxistas

¹Mestrando em filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco. *E-mail:* claudivamlopes@hotmail.com.

serviram também como base para a construção de Estados Socialistas como a extinta União Soviética, China, Coreia do Norte e Cuba.

Para a teoria marxista o trabalho é o conteúdo chave, a luta de classes é “o motor da história” e a produção dos bens materiais é o agente que condiciona a vida social, intelectual e política numa determinada sociedade, como cita o próprio Marx e também Engels (1998, p. 37) no Manifesto Comunista:

Nas primeiras épocas históricas, verificamos, quase por toda parte, uma completa divisão da sociedade em classes distintas, uma escala graduada de condições sociais. Na Roma antiga encontramos patrícios, cavaleiros, plebeus, escravos; na Idade Média, senhores, vassallos, mestres, companheiros, servos; e, em cada uma destas classes, gradações especiais. A sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classe. Não fez senão substituir novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta às que existiram no passado. Entretanto, a nossa época, a época da burguesia, caracteriza-se por ter simplificado os antagonismos de classe. A sociedade divide-se cada vez mais em dois vastos campos opostos, em duas grandes classes diametralmente opostas: a burguesia e o proletariado.

A teoria marxista compõe-se de uma teoria científica, o materialismo histórico, e de uma filosofia, o materialismo dialético. O materialismo histórico é o próprio materialismo dialético aplicado à ciência histórica, ou seja, a explicação da história por fatores materiais sejam econômicos ou técnicos. Marx rompe com os princípios teóricos do positivismo que explica a história pela ação dos grandes heróis. Ele rompe também com as concepções religiosas e metafísicas, que afirmavam ser a história, às vezes, explicada pela intervenção divina. Para o marxismo, no lugar das ideias estão as coisas materiais e no lugar dos heróis individuais, a luta de classes determinando que os seres humanos sejam condicionados pela sua existência

Toda concepção histórica, até o momento, ou tem omitido completamente esta base real da história, ou a tem considerado como algo secundário, sem qualquer conexão com o curso da história. Isto faz com que a história deva sempre ser escrita de acordo com um critério situado fora dela. A produção da vida real aparece como algo separado da vida comum, como algo extra e supraterrrestre. Com isto, a relação dos homens com a natureza é excluída da história. (MARX; ENGELS, 1998, p.57)

No materialismo dialético Marx, que era crítico do idealismo de Hegel, argumentou que a matéria é um dado primário, a fonte da consciência, e, esta última,

um dado secundário, derivado da própria matéria. Para o materialismo dialético, os fenômenos materiais são processos e o espírito nada tem haver com a passividade da ação da matéria, inclusive podendo reagir sobre aquilo que o determina. Para os teóricos marxistas, a dialética é estrutura contraditória do real que no seu movimento constitutivo passa por três fases: a tese, a antítese e a síntese. A dialética é, portanto um confronto de contrários, um antagonismo entre a ideia (tese) sua negação (antítese) cuja contradição deve ser superada pela síntese.

A vertente teológica do marxismo é a Teologia da Libertação, (cuja sigla é TL), ramo da teologia cristã surgida há 46 anos e que utilizou a filosofia marxista expurgada de seu ateísmo, como sua base teórica, e que foi usada por cristãos denominados progressistas para desenvolver uma ação evangélica baseada na opção preferencial pelos pobres, nos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, inclusive, no Brasil.

A Teologia da Libertação, assim como o marxismo, é muito influente e controversa. Existem seus defensores ardorosos e seus críticos ferozes. Quem defende a Teologia da Libertação na dimensão científico-filosófica são acadêmicos, principalmente sociólogos, filósofos, teólogos, historiadores e geógrafos, alinhados politicamente à esquerda e a centro-esquerda. Na dimensão religiosa a os defensores da TL são cristãos, (padres, freiras e leigos) e pessoas de outras religiões não cristãs, também alinhadas à esquerda e a centro-esquerda.

Os críticos “ferozes” da Teologia da Libertação na dimensão religiosa são os clérigos tanto católicos quanto evangélicos e irmãos leigos de ambas as vertentes religiosas, que são conservadores e tradicionalistas, defensores de uma doutrina teológica que não misture religião com política. Na dimensão político-econômica, os “inimigos” da TL são grandes empresários, banqueiros, grandes fazendeiros (latifundiários), que defendem uma igreja mais voltada para o espírito e denunciam a TL como apenas uma teoria marxista disfarçada de teologia cristã.

Para a maioria dos sociólogos, filósofos e teólogos adeptos ou apoiadores da Teologia da Libertação, apesar das críticas, dos ataques dos poderosos e da perseguição sistemática da própria Igreja Católica (mais especificamente a ala conservadora da referida igreja), ela está bem viva, e ainda presente nas Pastorais Sociais, nas Comunidades Eclesiais de Base, nos Movimentos Populares e até em alguns partidos políticos de esquerda.

2. PERFIL BIOGRÁFICO DE CIRINEU KUHN, ZÉ VICENTE E ROBERTO MALVEZZI

Cirineu Kuhn é um cineasta, sacerdote católico e missionário da Congregação do Verbo Divino. Atualmente ele é diretor da Verbo Filmes, uma produtora de filmes católico que foi fundada em 1979 pelo alemão Conrado Berning, cineasta formado na Academia de Cinema da Alemanha. Conrado dirigiu a produtora até 1994, sendo ganhador de vários prêmios nacionais e internacionais, com os filmes de longa-metragem produzidos em 35 mm: “Pé na Caminhada”, “Ameríndia e O Anel de Tucum”. Em 1994 a direção da produtora passou para o Padre Cireneu Kuhn.

Quanto a José Vicente Filho, ele é mais conhecido como Zé Vicente, e, é natural de Orós, Ceará. Zé Vicente é cantor e compositor católico. Ele também é um poeta popular e arte-educador. Zé Vicente é considerado um dos mais importantes artistas da igreja católica, ao lado de Padre Zezinho e Padre João Carlos.

Roberto Malvezzi, mais conhecido como “Gogó”, nasceu em 1953, no município de Potirendaba, São Paulo. É graduado em Estudos Sociais e em Filosofia pela Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena, em São Paulo. Também é graduado em Teologia pelo Instituto Teológico de São Paulo. Gogó também é escritor, e autor de diversos livros teológicos e filosóficos, além de conciliar suas atividades na composição de músicas religiosas populares de cunho político e do seu lado religioso. Ele é casado, teve com sua esposa dois filhos e duas filhas. Atualmente, reside em Juazeiro da Bahia e atua na Comissão Pastoral da Terra e no Conselho Pastoral dos Pescadores da Diocese de Juazeiro e do Regional Nordeste 3 (que corresponde os Estados de Bahia e Sergipe) da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB.

3. CORRELAÇÕES DAS MÚSICAS DE CIRINEU KUHN, ZÉ VICENTE E ROBERTO MALVEZZI COM A TEORIA MARXISTA

No seu livro “Crítica da Filosofia do Direito de Hegel” (1844) Karl Marx afirma que a religião é ópio do povo, no entanto, a filósofa Marilena Chauí no livro “Convite a Filosofia” de sua autoria, escreve que Marx fez outra afirmação que, em geral, não é lembrada: “A religião é lógica e enciclopédia popular, espírito de um mundo sem espírito” (Marx apud Chauí, p. 395). Para esta filósofa, Marx procurou mostrar que a religião é uma forma de conhecimento e de explicação da realidade, usada pelas

classes populares. Lógica e enciclopédia dão sentido às coisas, como por exemplo, às relações sociais e políticas, encontrando significações. O espírito no mundo sem espírito é algo que lhes permitem, periodicamente, lutar contra os poderes tirânicos. Marilena Chauí afirma ainda, que Marx tinha como lembrança as revoltas camponesas e populares durante a Reforma Protestante e a Revolução Inglesa de 1644. Marx também tinha na lembrança, a Revolução Francesa de 1789, os movimentos milenaristas da Idade Média, e início dos movimentos socialistas, que expressavam a luta do povo excluído contra a injustiça social e política.

A música “Pai Nosso dos Mártires” considerada uma das músicas mais identificadas com a Teologia da Libertação, expressa bem esta outra visão que Marx tinha a respeito da religião. Vejamos o que nos diz esta letra:

Pai Nosso Dos Mártires

Cirineu Kuhn (1986)

Pai nosso, dos pobres marginalizados,
Pai nosso, dos mártires, dos torturados.

Teu nome é santificado naqueles que morrem defendendo a vida,
Teu nome é glorificado, quando a justiça é nossa medida

Teu reino é de liberdade, de fraternidade, paz e comunhão
Maldita toda a violência que devora a vida pela repressão.

Queremos fazer Tua vontade, és o verdadeiro Deus libertador,
Não vamos seguir as doutrinas corrompidas pelo poder opressor.

Pedimos-Te o pão da vida,
O pão da segurança,
O pão das multidões.
O pão que traz humanidade,
Que constrói o homem em vez de canhões

Perdoa-nos quando por medo ficamos calados diante da morte,
Perdoa e destrói os reinos em que a corrupção é a lei mais forte.

Protege-nos da crueldade,
Do esquadrão da morte,
Dos prevaletidos

Pai nosso revolucionário,
Parceiro dos pobres,
Deus dos oprimidos.

Esta música se adéqua totalmente a teoria marxista do materialismo dialético e da luta de classes. Ela é uma adaptação da mais importante oração do cristianismo, que é a oração do Pai Nosso, para a realidade do povo pobre e excluído latino americano, oprimido pelos poderosos e explorado pelo sistema capitalista. Segundo a tradição judaico-cristã ocidental, a oração do Pai Nosso teria sido ensinada pelo próprio Jesus Cristo, quando seus discípulos pediram para ensina-lhes a orar. No início dessa música, o autor invoca a presença do Deus, que os cristãos católicos chamam de Javé (que significa “aquele que é”), presente nos pobres marginalizados, torturados e martirizados pelo sistema opressor, identificado no capitalismo selvagem.

Para Cirineu Kuhn, o nome de Javé é santificado naqueles que morrem em defesa da vida e da promoção humana e glorificado quando a justiça tão almejada pelos marginalizados é obtida. A música “Pai nosso dos Mártires” faz alusão ao Reino de Deus, que seria um reino de fraternidade de justiça e de igualdade social, antecipado na luta pela liberdade, pela justiça e pela paz entre os homens e mulheres. A violência nessa música é denunciada, e tida como maldita, porque destrói vidas em nome da repressão. Este sacerdote católico, afirma na sua composição, que os pobres querem fazer a vontade de Javé, Deus Pai todo poderoso e não seguem as doutrinas que foram corrompidas pelos poderosos e opressores. Os pobres ao rezarem a oração do Pai Nosso, pedem a Deus o pão da vida e da segurança que constrói a humanidade. Na conclusão da música, Cirineu Kuhn, pede a Deus que perdoe os medos, a omissão diante da morte e também a destruição dos reinos corruptos. Ele pede também que Deus proteja os pobres da crueldade e dos chamados “Esquadrões da Morte”, que no período em que a América Latina era governada por Ditaduras Civis-Militares, assassinavam várias pessoas, entre eles padres, bispos, catequistas, agentes de pastorais e principalmente militantes de esquerda que lutavam contra estas ditaduras latino-americanas. Para Cirineu Kuhn, o Deus dos cristãos é revolucionário e “Parceiro” dos pobres e oprimidos.

No Livro “As veias abertas da América Latina”, o jornalista e escritor Eduardo Galeano numa interpretação marxista da História da América Latina, escreve que a História é concebida como uma contenda, o atraso e a miséria da América Latina são o resultado do fracasso daqueles que justamente enxergam a história deste continente como essa contenda:

Nossa riqueza sempre gerou nossa pobreza por nutrir a prosperidade alheia: os impérios e seus beleguins nativos. Na alquimia colonial e neocolonial o ouro se transfigura em sucata, os alimentos em veneno. Potosí, Zacatecas e Ouro Preto caíram de ponta-cabeça da grampa de esplendores dos metais preciosos no fundo buraco dos socavões vazios, e a ruína foi o destino do pampa chileno do salitre e da floresta amazônica da borracha; o nordeste açucareiro do Brasil, as matas argentinas de quebrachos ou certos povoados petrolíferos do lago de Maracaibo têm dolorosas razões para acreditar na mortalidade das fortunas que a natureza dá e o imperialismo toma. (GALEANO, 2010, p.11)

Portanto para Galeano, a história do subdesenvolvimento da América Latina representa a história do desenvolvimento do capitalismo mundial. A derrota deste subcontinente sempre teve implícita na vitória dos outros e sua riqueza sempre gerou sua própria pobreza por nutrir a prosperidade alheia.

A música “Pelos Caminhos da América” de Zé Vicente expressa bem o que Eduardo Galeano escreve sobre a América Latina. Vamos analisar a letra:

**Pelos Caminhos de América
Zé Vicente (1996)**

Pelos caminhos da América,
Pelos caminhos da América,
Pelos caminhos da América,
Latino América.

Pelos caminhos da América há tanta dor,
Tanto pranto, nuvens, mistérios,
Encantos que envolvem nosso caminhar.
Há cruzeiros beirando a estrada,
Pedras manchadas de sangue,
Apontando como setas,
Que a liberdade é pra lá.

Pelos caminhos da América há monumentos sem rosto
Heróis pintados, mau gosto, livros de história sem cor.
Caveiras de ditadores, soldados tristes, calados,
Com olhos esbugalhados, vendo avançar o amor.

Pelos caminhos da América há mães gritando, qual
loucas,
Antes que fiquem tão rucas, digam onde acharão,
Seus filhos mortos, levados na noite da tirania,
Mesmo que matem o dia, elas jamais calarão.

Pelos caminhos da América, no centro do continente,
Marcham punhados de gente, com a vitória da mão.

Nos mandam sonhos, cantigas, em nome da liberdade,
Com o fuzil da verdade, combatem firme o dragão.

Pelos caminhos da América, bandeiras de um novo
tempo,
Vão semeando, ao vento, frases teimosas de paz.
Lá na mais alta montanha, há um pau d'arco florido,
Um guerrilheiro querido, que foi buscar o amanhã.

Pelos caminhos da América há um índio tocando flauta,
Recusando a velha pauta, que o sistema lhe impõe
No violão um menino e um negro tocam tambores,
Há sobre a mesa umas flores, pra festa que vem depois.

Para os historiadores marxistas que estudam a América Latina, o processo de colonização e de independência deste subcontinente foi marcado por intensos conflitos e muito sangue. A América Latina foi e ainda é, palco de opressão, de exclusão, dor e de morte. A América Latina Foi e ainda é, palco de desrespeito aos direitos humanos, como por exemplo, o desrespeito aos nativos que foram exterminados e aos africanos que foram trazidos para este subcontinente, para serem escravizados.

Zé Vicente, ao escrever esta música Pelos Caminhos da América, usa muitas metáforas e usa o termo “caminhos” fazendo uma alusão à história da América Latina. Para este compositor, na primeira estrofe desta música, os “caminhos” da América, em sentido são sangrentos, dolorosos, cheios de prantos e misteriosos. As “cruzes” beirando a estrada e as pedras manchadas de sangue são setas que apontam o caminho para liberdade. Caminho este, seguido provavelmente a “esquerda”.

Na segunda estrofe, Zé Vicente faz na sua música uma crítica, talvez não intencional, ao positivismo na sua dimensão histórica, quando refere aos monumentos históricos alusivos aos “heróis” latino-americanos, que segundo a historiografia tradicional, são dos conquistadores deste subcontinente e que este artista classifica de “mau gosto”. Como a história oficial da América Latina foi contada pelos “vencedores” para Zé Vicente faltou o colorido típico da arte e cultura latino-americana, restando apenas o “obscurantismo” dos “livros de história sem cor”. O compositor ainda faz alusão aos ditadores que governaram o referido subcontinente, e não foram perdoados pela história, restando apenas seus esqueletos e seus soldados entristecidos com o “avanço do amor”.

A terceira estrofe, Zé Vicente se refere ao movimento das mães e avós da Praça de Maio, na Argentina, que ainda choram porque não encontraram seus filhos e netos desaparecidos nas noites tirânicas e que representam cada mãe e cada avó que perderam seus filhos e filhas, netos e netas torturados e mortos pelas ditaduras civis-militares latino-americanas.

Na quarta estrofe, Zé Vicente se refere aos movimentos de resistência latino-americanos, que no passado lutaram contra a tirania dos governantes, sejam eles colonizadores ou ditadores, sonhando com liberdade e que apesar de ter pegado em armas outrora, hoje, suas maiores armas, são a verdade no combate ao “dragão” identificado como o capitalismo selvagem.

Na penúltima e última estrofe, Zé Vicente continua referindo-se ao movimento de resistência, agora identificado na figura do guerrilheiro que é querido por defender os pobres e lutar contra a tirania na América Latina e também nos índios, negros, crianças que recusam a “pauta” imposta pelo sistema capitalista opressor.

A música “Jubileu da Terra” de autoria de Roberto Malvezzi, mais conhecido como Gogó, e, escrita segundo o próprio autor, a pedido da Comissão Pastoral da Terra, em comemoração aos dois mil anos do nascimento de Jesus Cristo, que para os católicos é filho do próprio Deus, se refere ao Jubileu bíblico. Segundo Gogó, a letra desta música se refere à repartição e também ao descanso da terra, numa perspectiva da justiça e do respeito à natureza esgotada. Segue abaixo a letra da música:

JUBILEU DA TERRA
Roberto Malvezzi-Gogó (2000)

Jubileu da Terra,
É repartir o chão.
É pôr os pés na terra,
É pôr as mãos no chão.
É resgatar a terra,
Que é de cada irmão.
Porque a terra é do Senhor!

Nação dos Pataxós, Xucurus e Cariris.
Tupis, Ianomâmis, Hã- Hã-Hães e Guaranis
Depois de tanto sangue,
Depois de tanta guerra,
Que a terra seja índia,
E os índios tenham terra!

E aos remanescentes, de negros quilombolas.

Enfim Terra Brasilis, seja nossa e seja vossa.
 Depois de tanto sangue,
 Depois de tanta guerra,
 Que a terra seja negra,
 E que os negros tenham terra!

Pequenos lavradores, posseiros e sem terra.
 Enfim, alcancem o sonho de justiça e paz na terra.
 Depois de tanto sangue, depois de tanta guerra.
 Que terra volte ao povo,
 E que todos tenham terra!

Nesta música, no seu refrão, Gogó se refere à repartição da terra, em contraponto a concentração fundiária, que gera imensos latifúndios no Brasil. Segundo os historiadores, antigamente a terra pertencia a todos e só depois algumas grupos de pessoas foram cercando a terra e tomando para si o que era da coletividade, dando origem a propriedade privada. Para Gogó que além de cantor e compositor é também filósofo e teólogo, a terra pertence a cada um de nós, que somos todos irmãos e ela tem que ser regatada.

Na primeira estrofe Gogó cita as várias nações ou povos indígenas que ainda existem no Brasil. Estes índios são descendentes dos primeiros povos que habitaram o Brasil e viviam livres, antes da chegada dos portugueses que invadiram suas terras e os escravizaram. Os índios lutaram contra a escravidão portuguesa e ainda hoje lutam para retomar suas terras, hoje invadidas por madeireiros, garimpeiros e fazendeiros.

Na segunda estrofe, Gogó se refere aos descendentes dos quilombolas, que eram os habitantes dos quilombos, estes eram territórios onde os negros fugindo da escravidão, se estabeleciam fixando moradia, trabalhando na terra. O decreto 4.887, de 20 de novembro de 2003 regulamentou o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos. A partir desta data, todo habitante de terras que outrora teria sido quilombo, teria direito ao documento de posse dessas terras. Porém, este direito conquistado pelos remanescentes de quilombos, esbarra na especulação imobiliária e nas grilagens de terras, obrigando os negros a continuarem lutando pelo direito a posse destas terras, assim como os pequenos lavradores, posseira e sem terras citados na terceira estrofe, que continuam lutando pela Reforma Agrária neste país, que tem uma das maiores concentrações fundiárias do mundo. Gogó dá a entender que só vai haver paz, quando a justiça

social for alcançada e que um dos fatores que contribuirá para esta conquista é a repartição da terra, ou seja, a Reforma Agrária.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Filosoficamente, as três músicas analisadas, tomando como base a teoria marxista, fala da libertação como problema filosófico e infere que ela só será possível, se com o “fuzil da verdade”, combaterem firme os “dragões” da morte, da injustiça, das “doutrinas corrompidas pelo poder opressor”, para que enfim o sonho de “justiça e paz na Terra” seja alcançado.

REFERÊNCIAS

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

CHAUI, Marilena. **Iniciação a filosofia**. 2ª Edição. São Paulo: Ática, 2013.

CHAUI, Marilena. **Convite a filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

Diário Oficial da União

<https://quilombos.files.wordpress.com/2007/12/decreto_4887_de_20_de_novembro_de_2003.pdf acesso em 02/11 de 2017>

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**

<http://politicaedireito.org/br/wp-content/uploads/2017/02/As-Veias-Abertas-da-America-Lat-Eduardo-Galeano.pdf> acesso em 09/09/2017

KUHN, Cireneu. **Pai Nosso dos Mártires**. <<https://www.vagalume.com.br/ze-vice/pai-nosso-dos-martires.html> acesso em 08/09/2017>

MARX, Karl; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Cortez, 1998.

MARTINS, Maria Helena Pires; ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. 5ª Edição. São Paulo: Moderna, 2013.

MARIA, Karla. **O Caçador de sentidos** < <<http://www.panamzone.net/net/br/nossa-missao/2431-o-cacador-de-sentidos.html> acesso em 03/09/2017 >

MALVEZZI, Roberto. **Quem sou.** <<http://robertomalvezzi.com.br/pagina-exemplo/> acesso em 03/09/2017 >

MALVEZZI, Roberto. **Jubileu da Terra.**
<<http://robertomalvezzi.com.br/albums/pachamama/> acesso em 03/09/2017 >

OLIVEIRA, Moacir Almeida de. **Semelhanças e diferenças entre o comunismo marxista e o cristianismo primitivo.**
<<http://www.historialivre.com/revistahistoriador/espum/moacir.pdf> acesso em 07/09/2017>

VICENTE, Zé. **Pelos Caminhos da América.** <https://www.vagalume.com.br/ze-vicente/por-los-caminos-de-america.html> acesso em 09/09/2017